

Papos Tais

1 2

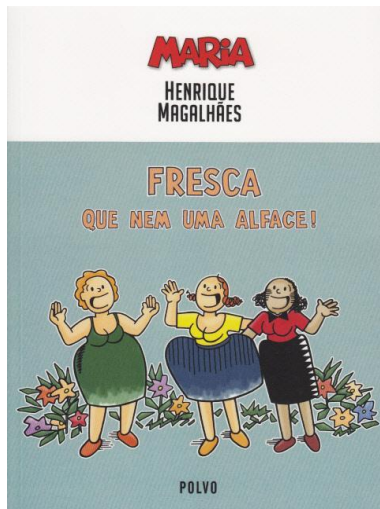
Troca de correspondência com Henrique Magalhães falando da possibilidade de publicação de um livro com todas as tiras de 'Maria' e da necessidade de referência para se entender uma determinada obra, assunto motivado por uma das últimas tiras de 'Maraiah'. O primeiro assunto começou com um trecho do texto de apresentação que Henrique fez para seu novo livro, "Maria – Fresca Que Nem uma Alface!", publicado em Portugal pela editora Polvo.

Em julho de 2025, Maria ganhou pela editora A União, da Paraíba, a edição comemorativa **Maria: 50 Anos de Humor e Provocação**, uma antologia que perpassa todas as fases de sua produção. A editora é a mesma que edita o jornal **A União**, publicação centenária que resiste à exclusividade dos meios digitais. Em **A União** Maria foi publicada pela primeira vez em 1975.

Fazer esse trabalho foi uma aventura. Tive que rever toda a minha obra para selecionar as tiras para o livro, uma viagem no tempo que me trouxe a saudade das revistinhas que lancei de forma independente nas décadas de 1970 e 1980. Surpreendi-me com a atualidade da maioria das tiras e de como elas funcionam ainda hoje com sua toada humorística.

Certa vez, indagado se gostaria de lançar algo como **Toda Maria**, respondi que havia recebido de Gonçalo Júnior, responsável pela editora Noir, a proposta de um livro que reunisse todas as tiras de Maria. Declinei todas as vezes que me falou sobre isso. Não gosto de "obras completas", até porque ainda estou produzindo e logo ela deixaria de ser "toda Maria" e só representaria uma parte. Por outro lado, há algumas tiras do início que me parecem um pouco datadas, ao tratar de uma ou outra situação política do momento.

Gosto muito de fascículos, de pequenas obras que se leem rapidamente, que deixam vontade de ler mais. Então, essa edição de A União me satisfaz, mesmo que muitas tiras de que gosto especialmente tenham ficado de fora. Tive que fazer escolhas, quis colocar todas as fases de produção que mostrassem a evolução da personagem em sua criação textual e resolução gráfica, como ocorre com esta edição portuguesa.



Com a publicação pela editora Polvo de **Fresca Que Nem uma Alface!**, temos, portanto, uma segunda edição comemorativa dos 50 anos de Maria, mas esta é uma edição exclusiva. Não quis simplesmente adaptar o livro lançado pela editora A União, mas fazer uma nova seleção de meu trabalho, em resposta ao afeto que a personagem tem recebido do público português.

Recebi ontem o novo livro da Polvo. Muito bom, completa com o livro de A União a antologia de Maria. Acho interessante a ideia de “Toda Maria”. Você falou certo, não seria ‘toda’ pois ainda está em produção. Então a solução é uma coleção “Toda Maria”, talvez dividida em décadas. Os volumes não seriam uniformes em número de páginas, mas isso não é problema. O tamanho, no entanto, deve ser o A4, para melhor visualização das tiras. Vá repensando o assunto. Pode começar reunindo as tiras em volumes digitais e depois se vê o que fazer para publicar. No mínimo já teria um “Toda Maria” digital.

Envio nova tira da Maraiah.



Edgard, boa reflexão sobre uma coleção com toda Maria. Não sei, não acho que seja possível, até porque muitas tiras do começo foram perdidas nos jornais. Por outro lado, há um bocado de tiras que ficaram datadas por fazerem referência a algum fato do momento, sobretudo nos anos de 1980. Depois mudei a estratégia de produção, desvinculando o quanto podia as tiras sobre fatos muito restritos a um contexto político. Por enquanto vou dar um tempo, esses meses foram exaustivos para mim. Não é fácil fazer 50 anos com Maria.

Edgard, já descarreguei a tira, obrigado! Maraiah sempre tem um nível de complexidade, o que é muito bom. Mas essa passei batido, não entendi.

Ainda sobre um possível “Toda Maria”, mas com outro nome (Maria Total?): Uma publicação recente da Panini com mais uma compilação das primeiras tiras do Cebolinha, trouxe no final as explicações das tiras datadas. Por exemplo, menção à empresa de eletricidade Light, que acho que nem existe mais. É pena se você não tiver todas as tiras, aí já ficaria um “Quase Toda Maria”. Ainda está em campanha no Catarse um “Todo Níquel Náusea” (o nome certo é “Níquel Náusea 40 anos”) e é uma coleção com todas as tiras. Todas? Não. O autor resolveu que algumas tiras não serão republicadas.

Eu sempre tento colocar alguma informação a mais nas tiras e ilustrações. Ou praticar a elipse, deixar de colocar informação, para o leitor fazer a relação entre as coisas mesmo faltando algo. Mas há sempre a questão da dosimetria. O quanto omitir. Quanto mais omitir, melhor a satisfação estética caso o leitor faça a ligação, mas maior a probabilidade de não fazer.

Veja a capa deste último “QI”, até agora quem comentou a ilustração não atentou para a piada. Talvez seja preciso ter um “sexto sentido”.

Na piada da Maraiah, o Jo Ken Po é um jogo ou brincadeira de origem asiática, muito difundida no mundo inteiro, inclusive no Brasil. É uma versão do “par ou ímpar” só que com uma opção a mais. Pode ser jogado só por brincadeira por 2 ou mais pessoas, ou como modo de selecionar uma pessoa. Como no “par ou ímpar”, o vencedor tem o direito de fazer alguma escolha. O Jo Ken Po tem três possibilidades, a mão fechada, a mão aberta e mostrando dois dedos. Quando se joga, os integrantes falam em voz alta “jo ken po”. Eu acabei colocando 3 meninas jogando e falando o termo em japonês, achando que o termo fosse de conhecimento geral. No Brasil, também se joga falando as palavras em português: “pedra, papel, tesoura”. A pedra vence a tesoura, a tesoura vence o papel e o papel vence a pedra. Joga-se até que um vença. No caso da Maraiah, o jogo tinha um objetivo prático.

Pois é, Edgard, nem sempre é possível ou desejável reunir toda a obra. Entendo a decisão de Gonsales (Níquel Náusea), eu também eliminaria algumas tiras de Maria, que acho são mal resolvidas, mas são poucas.

Na verdade, acho algo petulante esses volumes com toda a obra, ficam caros e cansativos para ler. Nem o de Mafalda – que é minha personagem favorita – eu me animaria a comprar e ler, prefiro os pequenos volumes, que são mais amigáveis e acessíveis.

Dito isso, até recebi proposta para editar toda Maria, por Gonçalo Júnior (editora Noir), mas me coloquei imediatamente e irredutivelmente contra. De alguma forma já tenho feito isso de forma homeopática com a revista **Maria Magazine**, mas sei que sua ideia, de fazer fascículos com as tiras antigas, me parece mais sedutora. Pensarei sobre isso.

Edgard, as tiras quase sempre precisam de contextualização. Na falta do referente, a ideia fica prejudicada. Foi o que aconteceu com minha leitura dessa nova tira de Maraiah. Não entendi porque não conheço os termos que você usou, nunca ouvi falar deles, o que me causou estranhamento.

Aqui há uma brincadeira parecida chamada “porrinha”, em que se faz uma disputa com os dedos. Cada um coloca uma das mãos atrás e desafia o outro tentando adivinhar se a soma dos dedos que forem apresentados será par ou ímpar; se eu digo que é ímpar, revelo o número de dedos que escolhi como “um” e o outro revela “dois”, eu ganhei porque o número total foi “três”. Isso decide o rumo de alguma peleja. Acho que o princípio é o mesmo do que você colocou na tira, mas tentei entender as palavras que as crianças diziam e não me diziam nada.

No mais, seu trabalho é sempre genial, não óbvio, quase uma charada.

Eu entendo seus argumentos contra as edições “Toda”. De fato, volumes muito grandes são intimidadores. Recentemente li o “Todo Homem”, compilação de todos os episódios da obra de Segura e Ortiz. Mas são histórias de leitura fácil, ainda que muito violentas, e de grande qualidade. Vai num instante. Ainda acho que você, com tempo e calma, poderia organizar todas suas tiras (ou as que você tem) em ordem cronológica, mesmo as que você acha que não foram muito boas, para ficar um registro completo da série. Depois, se for publicar, impresso ou digital, é outra coisa. Eu já consegui escanear a grande maioria dos meus trabalhos e podem ser colocados num pen drive. Ainda não juntei os trabalhos em volumes, mas penso fazer isso. Nem penso em publicação, nem digital muito menos impressa. Só para ter o trabalho organizado.

Você lembrou bem, aqui também o jogo de “par ou ímpar” era chamado de “porrinha”, eu nem me lembrava mais desse termo. Além desses, há outro jogo com a mesma finalidade, o “dois ou um”. Este é para ser jogado com três pessoas. Você só mostra um dedo ou dois dedos. O que for diferente ganha.

Minha produção é muito extensa e irregular. Quando estava publicando nos jornais diários, o ritmo era intenso e me ajudou a desenvolver a personagem, o humor tornou-me mais ácido e ferino para fazer a crítica aos fatos do cotidiano. Foi justamente no início dos anos 1980 que se deu esse processo, com os embates finais contra a ditadura, mas abrindo-se também para as questões de costumes e culturais. Esse período é que tenho publicado na **Maria Magazine**; são tiras que nunca saíram em livro ou revista, apenas nos jornais.

Nessa época eu fazia uma cópia – fotocópia – para manter o registro no arquivo e entregava os originais ao jornal. Esses originais nunca voltavam, eram até danificados, porque eram colados no diagrama do jornal com um adesivo de cera, que manchava o papel. O problema era que as copiadoras nem sempre tinham boa impressão e o que eu guardava era, em geral, uma péssima cópia do original.

Já comecei a recuperar tira por tira fazendo, às vezes, a recuperação redesenhando com o mouse sobre a cópia digitalizada. É um trabalho cansativo e longo, pois são centenas de tiras a retocar ou redesenhar, tentando mantê-las o mais próximo do original. Estou recuperando o que é possível e isso com o objetivo de preservar o acervo de minha produção. Quem sabe, se eu conseguir fazer tudo, eu chegue a editar digitalmente uma série para registrar a memória de Maria!

Valeu pelo estímulo!

Para completar o espaço do encarte, um comentário, como curiosidade, sobre a minha leitura de “Toda Mafalda”. Henrique falou que, mesmo Mafalda sendo sua personagem predileta, não se aventuraria a ler o livrão com todas as tiras. Embora eu tenha adquirido o livro da Martins Fontes, e antes a versão portuguesa pela Dom Quixote, e depois a versão argentina pela Ediciones de la Flor, também não me entusiasmei em fazer sua leitura. No entanto, as circunstâncias conspiram. Como já escrevi em algum texto por aí, eu fiquei cismado de que um cartum que eu fiz tinha a mesma ideia de um cartum de Quino. Então procurei em todos os livros de cartuns de Quino, que eu tenho, para ver se achava o cartum “original”. Não achei. Só recentemente me ocorreu que a ideia talvez estivesse numa tira de Mafalda. Então fiz uma primeira leitura de “Toda Mafalda” à procura da suposta tira. Também não achei. Nessa leitura, acabei achando muitas tiras, cuja tradução me deixou curioso para saber como era no original. Pensei em fazer um texto comentando essas traduções e suas peculiaridades. Fiz o texto, que foi publicado na revista “LegendasHQ!” nº 7. Para fazer um trabalho mais completo, identificando todas essas tiras “estranhas”, tornei a ler “Toda Mafalda”, com mais atenção. Na verdade, li duas vezes, o volume mais recente em formato horizontal e os 11 volumes com as tiras coloridas, ambos da Martins Fontes. E aí fui procurar nas edições argentina e portuguesa, como eram essas tiras no original e na versão para Portugal. Esses “Toda Mafalda” argentina e portuguesa, não precisei ler toda.

